

# CONEXÃO E ARGUMENTAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO

**Janice Helena Chaves Marinho**

Universidade Federal de Minas Gerais

## Introdução

O discurso constitui as combinações dos elementos linguísticos usadas pelos sujeitos para exprimir seus pensamentos, tratar do mundo, interagir, agir sobre o outro. No discurso, o sujeito se vale do universo de crenças e de conhecimento e também de recursos linguísticos, entre os quais os conectores, que contribuem para a compreensão da expressão de pontos de vista, da justificação e da explicação da ideologia, que é constituída e constituinte da realidade. Sendo assim, neste trabalho, apresento um estudo sobre expressões do português brasileiro que funcionam como conectores, visando relacionar seu uso com a construção da argumentação e refletir sobre o seu ensino. As expressões, que são encontradas em textos opinativos publicados em jornais brasileiros, assumem função tanto na conexão discursiva quanto na argumentação. Como ressalta Amossy (2010), os conectores são instrumentos de ligação que contribuem diretamente para a análise argumentativa de um texto, visto que à sua função conectiva se acrescenta a de definir uma relação argumentativa.

O objetivo do estudo foi investigar a função das expressões *seja como for* e *na verdade* nos textos jornalísticos, compreender as relações argumentativas por elas definidas e refletir sobre o viés persuasivo que imprimem aos textos opinativos. O estudo dessas expressões se faz com base numa abordagem modular e interacionista da complexidade da organização discursiva, o Modelo de Análise Modular do discurso (MAM), que propõe o estudo dos conectores na consideração da forma de organização relacional dos textos.

O MAM, modelo desenvolvido na Universidade de Genebra, consiste num instrumento de análise eficaz para uma abordagem interacionista da complexidade da organização discursiva. Inspirado em diversos trabalhos de várias correntes de pesquisa e alinhado às propostas de Bakhtin, ele concebe o discurso como interação verbal refletida num processo de negociação discursiva para o qual convergem informações linguísticas, textuais e situacionais. Dessa forma, esse modelo oferece um quadro teórico-metodológico que permite a descrição e a explicação dos diferentes aspectos da constituição e da articulação do discurso.

Ele trabalha com a hipótese de que um objeto complexo, como é o discurso, pode (e deve) ser decomposto num certo número de sistemas de informações simples e autônomos, que podem ser descritos inicialmente de maneira independente, ou seja, sem referência a outros sistemas de informações. As informações capturadas com essa descrição inicial vão ser combinadas constantemente na constituição e no funcionamento do discurso. É essa combinação que vai permitir ao analista dar conta da complexidade dos discursos, focalizando as chamadas formas de organização discursiva<sup>1</sup>.

Adotando os procedimentos próprios do MAM, inicialmente analisam-se os textos e definem-se as relações genéricas neles presentes. Em seguida, procede-se à descrição das relações a partir das instruções oferecidas pelas expressões. Interpretam-se as relações específicas que elas sinalizam, considerando suas propriedades morfosintáticas, semânticas e pragmáticas. Com esse percurso de análise, põe-se em evidência como as expressões estudadas interferem na construção da argumentação.

No próximo item, apresenta-se de forma resumida o estudo dos conectores à luz do MAM; trata-se dos conectores reformulativos, em função do comportamento das expressões estudadas nos textos opinativos, e de considerações sobre o ensino da conexão. Em seguida, no item 2, procede-se à análise das expressões *seja como for* e *na verdade*, a partir de seu uso nos textos opinativos.

## O estudo dos conectores

Os conectores (ou expressões conectivas) favorecem o encadeamento das diferentes unidades do texto, expressando uma relação entre elementos linguísticos e contextuais. Diversos estudos já mostraram que os conectores contribuem para a interpretação do enunciado, uma vez que possuem (1) *função cognitiva*, por guiarem o interlocutor no percurso interpretativo do texto, (2) *função enunciativa*, por informarem a perspectiva enunciativa do enunciado e (3) *função argumentativa*, por apontarem a orientação argumentativa do texto (ROSSARI, 2000).

Segundo o MAM, o uso e o papel dos conectores na sinalização ou na determinação de relações textuais ou discursivas são estudados na forma de Organização Relacional do discurso (FOR). O estudo dessa forma de organização é feito com a combinação das informações obtidas com a análise de textos do ponto de vista da dimensão hierárquica com as informações de ordem lexical e sintática, relativas às instruções dadas pelos conectores.

<sup>1</sup> Cf. ROULET, E.; FILLIETTAZ; GROBET, A. (2001), FILLIETTAZ, L.; ROULET, E. (2002) e MARINHO, J.H.C. (2004).

A descrição da FOR se faz em duas etapas. A primeira se baseia na acoplagem entre (1) informações obtidas com a análise do texto do ponto de vista da dimensão hierárquica, ou seja, informações relativas à definição dos constituintes textuais e às relações de dependência, independência e interdependência entre os constituintes, e (2) informações de ordem lexical e sintática, relativas às instruções dadas pelos conectores usados nos textos. Com a análise dessa primeira etapa, torna-se possível a proposição de uma estrutura hierárquico-relacional para o texto, por meio da qual se descrevem as relações interativas genéricas entre os constituintes textuais e informações da memória discursiva.

Para o estudo dos conectores neste trabalho, adotaram-se os seguintes procedimentos de análise:

- *Passo 1:* Descrição do perfil relacional de textos opinativos em que se encontram as expressões *seja como for* e *na verdade*, por meio de esquemas que evidenciam as relações textuais dominantes no interior da organização relacional dos textos.
- *Passo 2:* Focalização dos trechos em que as relações estão marcadas pelas expressões estudadas.
- *Passo 3:* Análise das expressões, com o levantamento de suas propriedades – morfossintáticas, semânticas e pragmáticas – visando à interpretação de seu funcionamento nos textos.
- *Passo 4:* Determinação da relação específica marcada pela expressão por meio de um cálculo inferencial envolvido na interpretação do trecho em que se encontra.

As análises desenvolvidas evidenciaram que as expressões estudadas assumem nos textos opinativos uma função tanto na conexão discursiva quanto na persuasão, e que se comportam como conectores reformulativos.

Os conectores reformulativos impõem uma relação não causal entre estados de coisas, ou seja, eles sinalizam para o fato de que, entre os segmentos que ligam, não existe um elo causal. Eles são suscetíveis de apresentar o ponto de vista que introduzem como sendo uma reconsideração do ponto de vista ao qual remetem. Dessa forma, eles têm a capacidade de criar uma relação que não existia antes, mas que passa a existir com o seu emprego nos textos (diferentemente do que fazem, por exemplo, os conectores argumentativos, que não criam necessariamente uma relação que não existia antes), como afirma Rossari (2000).

Os conectores reformulativos promovem no texto uma operação de mudança de perspectiva enunciativa que leva a uma retrointerpretação do movimento discursivo antecedente. Segundo Rossari (2000), a reformulação traz uma modificação quanto à forma e quanto à maneira como o locutor apreende a realidade evocada num ponto de vista anterior, pondo em questão seu valor retórico.

Por exemplo, o conector *de qualquer maneira* parece anular a força ilocutória de ordem no exemplo (1) e o efeito perlocutório de tomada de consciência de um perigo em (2)<sup>2</sup>.

(1) Obedeça a seu pai. *De qualquer maneira*, você não tem escolha.

(2) Jean pode ser violento. *De qualquer maneira*, você sabe isso melhor que ninguém.

Os conectores reformulativos, como se pode ver, introduzem um ponto de vista que se apresenta como uma nova maneira de considerar o ponto de vista ao qual remetem. Ainda, a retrointerpretação causada por um conector reformulativo pode também se reportar a um ponto de vista que não tinha sido explicitado antes. Assim, o uso do conector permite ao locutor indicar explicitamente a mudança de perspectiva enunciativa que deseja que seja operada.

Considerando que os conectores oferecem contribuição para a construção dos sentidos dos textos, defende-se, neste trabalho, que eles sejam tratados no ensino não com o foco em nomenclaturas e definições, nem por meio da proposição de exercícios de reconhecimento desses elementos em frases, ou mesmo em textos, e da atenção à sua classificação tradicional. Infelizmente, o estudo dos conectores em gramáticas e livros didáticos, na maior parte das vezes, ainda se dá por meio de atividades que visam mais à assimilação de classificação e ao reconhecimento de palavras, deixando de tratar da função desses elementos na conexão textual e de sua contribuição para o desenvolvimento da argumentação.

Defende-se que a escola pode levar o aluno a compreender os processos de estruturação de sentenças em que os conectores estão envolvidos, ou mesmo os tipos de orações que eles podem introduzir, mas que deve ir além. Ou seja, é preciso à escola considerar os processos de articulação e de sequencialização de porções textuais que muitas vezes ocorrem por meio do emprego dos conectores, e também considerar as estratégias argumentativas relacionadas a seu uso. Para tanto, deve-se conhecer o funcionamento dos conectores em uso nos textos. O estudo aqui proposto sobre as duas expressões conectivas, ocorrentes no português brasileiro e encontradas em muitos textos opinativos, que visa refletir sobre sua atuação na construção de sentidos e a respeito do viés persuasivo que imprimem aos textos, busca oferecer contribuições para o ensino dos conectores. Espera-se que, com esta exposição, se ofereçam procedimentos que possam ser contemplados no ensino da conexão.

<sup>2</sup> Os exemplos são versões dos apresentados em Rossari (2000, cap.III).

## Análise das expressões *seja como for* e *na verdade*

Em função da natureza deste trabalho, apresentam-se aqui as análises de trechos de textos opinativos em que se usam as expressões *seja como for* e *na verdade*. Inicialmente, apresenta-se o trecho analisado, já segmentado em unidades textuais mínimas ou atos, seguido da estrutura hierárquico-relacional<sup>3</sup>, que descreve a interpretação de cada trecho quanto à hierarquia de seus constituintes e as relações textuais genéricas. Em seguida, tratam-se das propriedades das expressões, considerando seu uso no texto aqui analisado, assim como em outros textos opinativos<sup>4</sup>, para finalmente se proceder à segunda etapa de análise da FOR, a da determinação da relação específica marcada pela expressão por meio do percurso inferencial que conduz à interpretação do trecho em que se encontra.

### Análise do uso de *seja como for*

O texto analisado é um editorial da *Folha de S.Paulo*, que aborda a questão da CPMF, a contribuição sobre o cheque, considerada à época, setembro de 2007, necessária para a sobrevivência do Estado, já que, conforme critica o editorial, o governo não cogitava em racionalizar a máquina administrativa, diminuir gastos com funcionalismo, mudar regras da Previdência, ou empreender uma reforma tributária profunda no país:

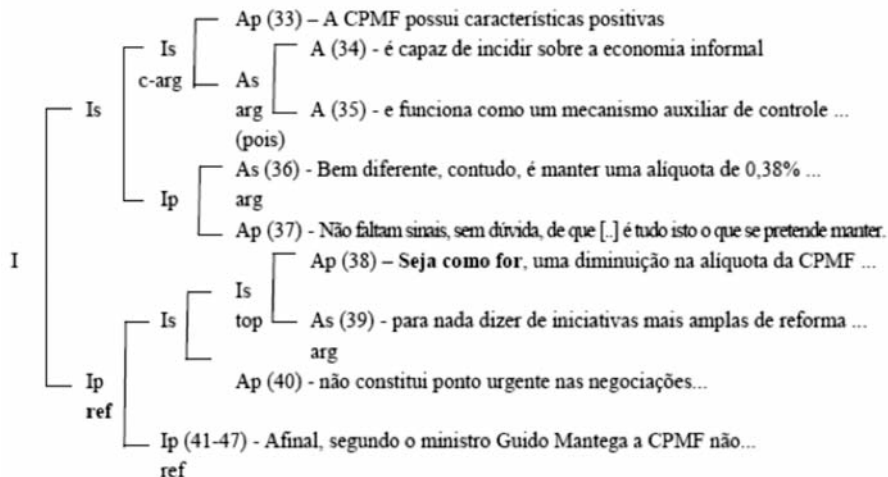
(33) A CPMF possui características positivas: (34) é capaz de incidir sobre a economia informal (35) e funciona como um mecanismo auxiliar de controle à sonegação. (36) Bem diferente, contudo, é manter uma alíquota de 0,38% sobre movimentações financeiras, num país marcado simultaneamente pela altíssima carga tributária, pelo desperdício, pelo empreguismo e pela corrupção. (37) Não faltam sinais, sem dúvida, de que em última análise é tudo isto o que se pretende manter. (38) **Seja como for**, uma diminuição na alíquota da CPMF, (39) para nada dizer de iniciativas mais amplas de reforma do Estado e do sistema tributário, (40) não constitui ponto urgente nas negociações. (41) Afinal, segundo o minis-

<sup>3</sup> Nas Estruturas hierárquico-relacionais, usam-se as seguintes abreviaturas: I – intervenção; A – ato; p – principal; s – subordinado; arg – (relação de) argumento; c-arg – contra-argumento; com- comentário; prep – preparação; ref – reformulação; top – topicalização. O conector entre parênteses representa o conector que poderia ser usado no texto explicitando a relação.

<sup>4</sup> O estudo aqui apresentado se relaciona à pesquisa desenvolvida pela autora, intitulada *A conexão no discurso numa abordagem modular*, no período de 2011 a 2014. Todos os textos que compuseram o *corpus* da pesquisa foram inicialmente segmentados em atos e numerados, seguindo critérios discutidos em Marinho (2007).

tro Guido Mantega (42) a CPMF não incomoda tanto: (43) “Se perguntarmos ao cidadão comum, (44) ele nem sabe o quanto paga desse imposto”. (Realismo e disparate. Folha de S.Paulo. Editoriais. 21 set. de 2007)<sup>5</sup>

Figura 1: Estrutura hierárquico-relacional



Fonte: MARINHO, J.H.C; CUNHA, G.X. (2012, p.152).

Essa estrutura hierárquico-relacional evidencia que a expressão *seja como for* encabeça uma intervenção (Ip<sup>6</sup>) que subordina a anterior, formada pelos atos (33)-(37), na qual se faz uma afirmação sobre as características positivas da CPMF e também uma crítica à manutenção pelo governo brasileiro de uma alíquota de 0,38% desse imposto num país marcado por alta carga tributária, pelo desperdício, pelo empreguismo e pela corrupção. *Seja como for* põe em questão o valor retórico dessa intervenção anterior. O mecanismo que desencadeia o efeito de retrointerpretação é o mecanismo de **revisão**, que conduz à modificação de um ponto de vista ou estado de informação por meio da **subtração** de uma informação, e não por meio do acréscimo.

Ou seja, depois de uma operação<sup>7</sup> de atualização de estados de informação, desencadeada pelo que é enunciado na I-(33)-(37), a expressão *seja*

<sup>5</sup> Texto analisado em MARINHO, J.H.C; CUNHA, G.X. (2012).

<sup>6</sup> Considera-se como constituinte **principal** aquele que não pode ser suprimido, por conter a informação mais relevante, e como **subordinado**, o constituinte que pode ser suprimido sem prejudicar o sentido do texto.

<sup>7</sup> Segundo a semântica dinâmica de Veltman (1996), o fluxo discursivo é representado numa série de sucessivas atualizações eliminativas de estados de informação, ou seja, as operações de modificação dos estados de informação. Cada operação é determinada pela maneira como o conector interage com o estado de informação, garantindo-o, modificando-o etc.

como *for* e o que é enunciado na I-(38)-(47) desencadeiam uma operação que apaga mais ou menos diretamente essa última atualização. Na I-(38)-(47), o que se afirma é que não constitui ponto urgente nas negociações do governo qualquer diminuição na alíquota da CPMF ou qualquer mudança no Estado ou no sistema tributário, e não que o governo vai manter essa alíquota de 0,38% (o que seria inferido numa relação de argumento).

A análise dessa expressão a partir de seu emprego em textos de opinião permitiu a composição de um quadro com o levantamento de suas propriedades morfossintáticas, pragmáticas e semânticas.

**Quadro 1: Propriedades de *seja como for***

<b>Propriedades / conector</b>	<b><i>seja como for</i></b>
Morfossintáticas	Apresenta comportamento de expressão adverbial [forma fixa, pode ser precedida por outra conjunção]
	Apresenta comportamento de conjunção [não apresenta mobilidade no interior da sentença que inicia; não aceita focalizadores de inclusão e de exclusão [só, até, inclusive]; pode iniciar respostas a perguntas específicas.]
Pragmáticas	Marca uma relação de reformulação.
	Impõe uma relação não causal entre estados de coisas.
	Impõe mudança de perspectiva.
Semânticas	Modifica o estado de informação fornecido pelo contexto esquerdo por meio da subtração de uma informação.
	Realiza uma operação de revisão: Y introduzido pela expressão traz uma informação que suprime/anula uma informação inferida com a enunciação de X.

Fonte: MARINHO, J.H.C; CUNHA, G.X. (2012, p.160-161)

Considerando que a expressão possui essas propriedades, é possível calcular o percurso inferencial envolvido na interpretação desse trecho do texto de opinião, exposto no Quadro 2 (ver na página seguinte).

Com a explicitação desse percurso inferencial, é possível mostrar a função de *seja como for* tanto na conexão discursiva, marcando uma relação de reformulação, quanto na persuasão, promovendo uma nova interpretação para o que havia sido enunciado antes, ou seja, levando o leitor a reconsiderar a interpretação do segmento anterior, apagando o que ele teria inferido com a afirmação de que *o governo pretende manter os problemas inerentes à CPMF* e impondo uma leitura não causal entre esses segmentos.

**Quadro 2: Percurso inferencial**

Premissa 1	Informação linguística enriquecida	O autor (A) afirma ao leitor (L) que o governo pretende manter os problemas inerentes à CPMF.
Premissa 2	Informação linguística enriquecida	A afirma a L que o governo não pretende negociar uma diminuição na alíquota da CPMF ou iniciativas mais amplas de reforma do Estado e do sistema tributário.
Premissa 3	Informação lexical (instrução do seja como for)	Usa-se o conector seja como for para introduzir uma releitura de informações expressas em outro constituinte, revisando-as.
Conclusão	Interpretação	A afirma a L que o governo pretende manter os problemas inerentes à CPMF. Em seguida, A afirma a L que o governo desconsidera esses problemas e que, por isso, não pretende negociar uma diminuição na alíquota da CPMF ou iniciativas mais amplas de reforma do Estado e do sistema tributário.

Fonte: MARINHO, J.H.C; CUNHA, G.X. (2012, p.162)

### **Análise do uso de *na verdade***

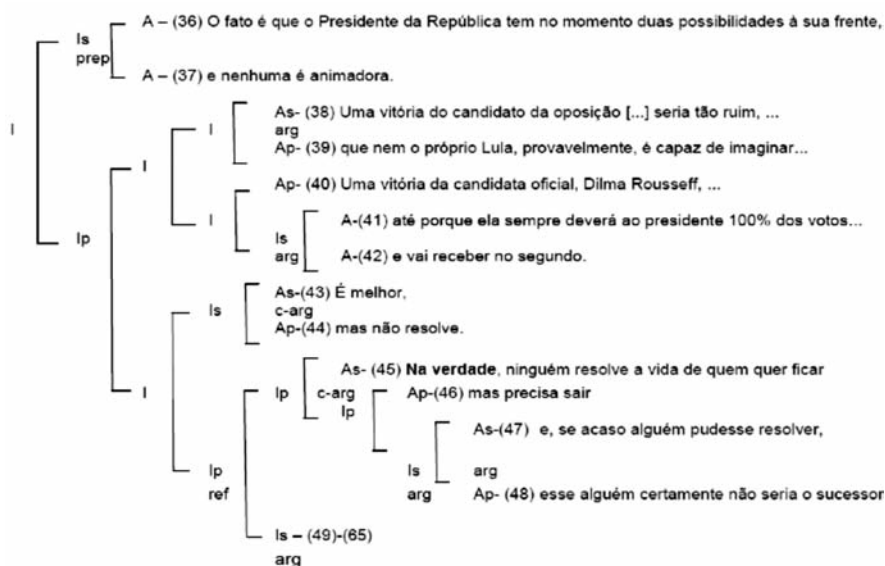
A expressão *na verdade* é aqui analisada a partir de seu uso em dois textos opinativos, ambos publicados na revista *Veja*. O primeiro, de outubro de 2010, aborda as mudanças pelas quais o então Presidente Lula deveria passar com a passagem de seu governo ao sucessor que estava para ser eleito. O texto critica Lula, sugerindo que, no fundo, ele não gostaria de deixar a Presidência. O segundo texto, de abril de 2011, se constrói em torno da ideia de que as obras públicas brasileiras não são entregues no prazo, podem nem ser entregues ou podem ser da pior qualidade e, ainda, de que, em todos os casos, elas acabariam sempre custando muito mais caro aos cofres públicos:

- (36) O fato é que o presidente da República tem no momento duas possibilidades à sua frente, (37) e nenhuma é animadora. (38) Uma vitória do candidato da oposição, José Serra, no turno decisivo das eleições seria tão ruim, do seu ponto de vista, (39) que nem o próprio Lula, provavelmente, é capaz de imaginar



as reações que poderia ter diante de uma calamidade dessas. (40) Uma vitória da candidata oficial, Dilma Rousseff, seria melhor, é claro, (41) até porque ela sempre deverá ao presidente 100% dos votos que recebeu no primeiro turno (42) e vai receber no segundo. (43) É melhor, (44) mas não resolve. (45) **Na verdade**, ninguém resolve a vida de quem quer ficar (46) mas precisa sair – (47) e, se acaso alguém pudesse resolver, (48) esse alguém certamente não seria o sucessor. (GUZZO, J.R . Metamorfose. Veja, 27 out. 2010. edição 2188 – ano 43 – nº 43, p.154.)

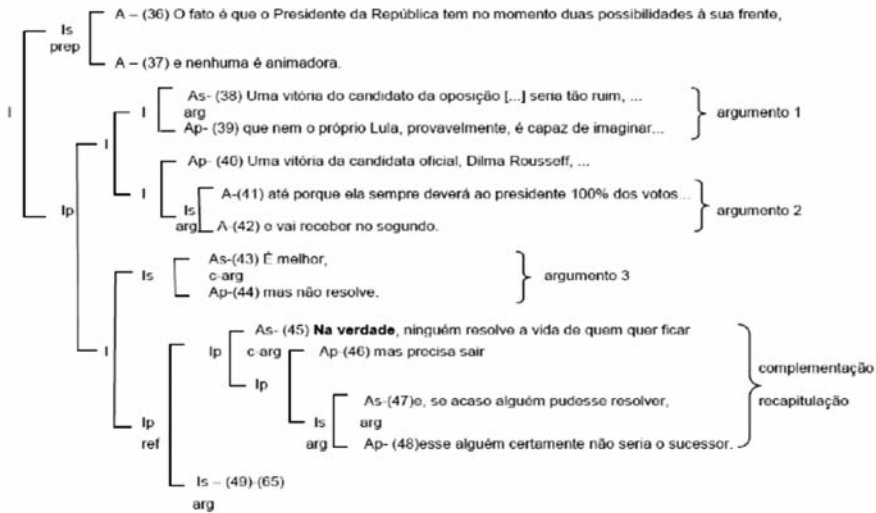
Figura 2: Estrutura hierárquico-relacional



Fonte: Elaborado pela autora.

Essa estrutura hierárquico-relacional evidencia que *na verdade* encabeça uma intervenção principal, que subordina uma anterior, em que se afirma que uma vitória de Dilma seria melhor para Lula, apesar de não resolver o seu problema, que seria não deixar a Presidência da República. É interessante observar que nesse trecho o autor apresenta ao menos três argumentos para discutir as possibilidades de Lula interferir na Presidência após passar a faixa a seu sucessor.

Figura 3: Estrutura hierárquico-relacional



Fonte: Elaborado pela autora.

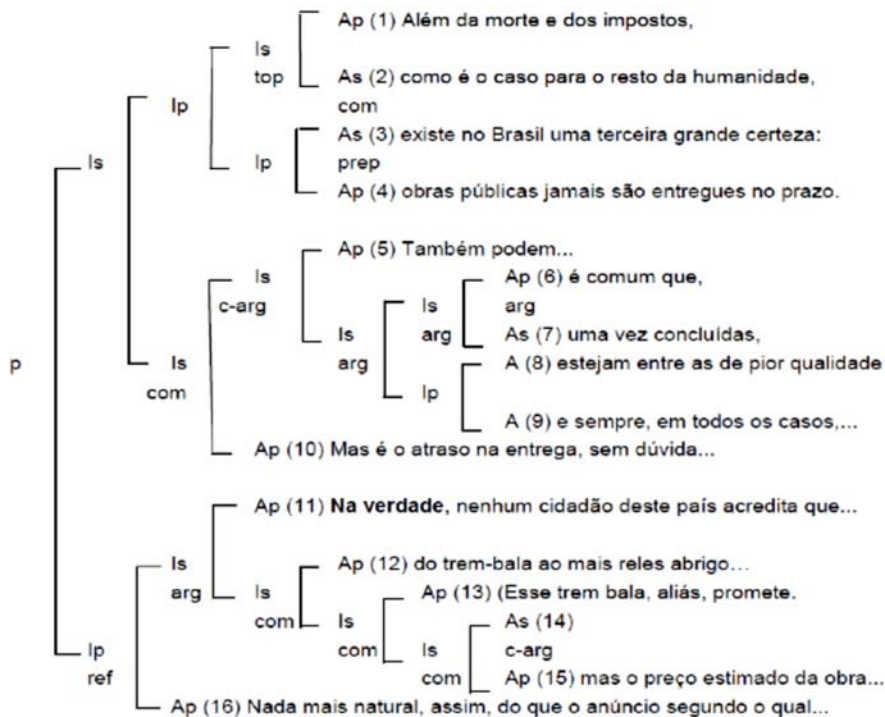
O primeiro argumento é o de que uma vitória do candidato da oposição seria tão ruim que nem mesmo Lula poderia imaginar suas reações diante de tal calamidade. O segundo é o de que uma vitória da candidata oficial seria melhor porque ela ficaria devendo sempre ao presidente os votos que recebeu. Mas o terceiro argumento, o de que uma vitória de Dilma Rousseff é melhor, mas não resolve o problema de Lula, é que vai ser reformulado, num processo de recapitulação. O conector *na verdade* indica que o autor procede a uma recapitulação da primeira formulação. Ou seja, ele volta à sua primeira formulação, a fim de extrair dela o essencial: *ninguém resolve a vida de quem quer ficar mas precisa sair*. O marcador recapitulativo instaura uma notificação diferente entre a primeira formulação e a reformulação.

Em outro exemplo de uso de *na verdade*, temos a expressão encabeçando uma intervenção principal, e impondo uma releitura de tudo o que foi enunciado anteriormente:

(1) Além da morte e dos impostos, (2) como é o caso para o resto da humanidade, (3) existe no Brasil uma terceira grande certeza: (4) obras públicas jamais são entregues no prazo. (5) Também podem não ser entregues nunca; (6) é comum que, (7) uma vez concluídas, (8) estejam entre as de pior qualidade que a engenharia mundial consegue produzir (9) e sempre, em todos os casos, acabam custando muito mais caro do que deveriam. (10) Mas é o atraso na entrega, sem dúvida, a marca

que mais distingue as obras públicas brasileiras de quaisquer outras. (11) **Na verdade**, nenhum cidadão deste país acredita que alguma coisa feita pelo governo possa ficar pronta no prazo – (12) do trem-bala ao mais reles abrigo para um ponto de ônibus. (13)(Esse trem bala, aliás, promete. (14)Ainda não foi colocado um único metro de trilho no chão, (15)mas o preço estimado da obra já passou de 18 para 33 bilhões de reais.) (16) Nada mais natural, assim, do que o anúncio segundo o qual não serão terminadas a tempo as majestosas obras de nove dos treze aeroportos que servem a cidades-sedes da Copa do Mundo de 2014. (GUZZO, J.R. Algo de errado.– Revista *Veja*, 27 abr. 2011. Edição 2214. – ano 44 – nº17, p.154.)

Figura 4: Estrutura hierárquico-relacional



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao dizer: “(11) *Na verdade, nenhum cidadão deste país acredita que alguma coisa feita pelo governo possa ficar pronta no prazo*”, o autor do texto retoma e reforça a ideia já defendida anteriormente no texto de que as obras públicas jamais são entregues no prazo. Ao mesmo tempo, o autor impõe ao leitor uma mudança de perspectiva enunciativa. Nesse ato (11), o autor

apresenta sua formulação como mais conforme aos fatos ou à realidade do que apresentou anteriormente. Agora ele explicita que **nenhum cidadão deste país** acredita que qualquer coisa feita pelo governo possa ficar pronta no prazo. Nessa reformulação, fica claro quais são os leitores a quem o autor se dirige e de quem espera adesão: os cidadãos deste país. É com eles que se estabelece um processo de negociação. Nessa perspectiva, com o emprego do conector se evidencia uma manobra realizada pelo autor para agir sobre o leitor.

Analisando as propriedades de *na verdade*, chega-se ao seguinte levantamento, exposto no Quadro 3.

Quadro 3: Propriedades de *na verdade*

Propriedades/conector	Na verdade
Morfossintáticas	apresenta comportamento de expressão adverbial: forma fixa, pode ser precedida por outra conjunção [embora + na verdade], apresenta mobilidade na sentença – pode estar no começo, no meio ou no fim da sentença em que aparece
	apresenta comportamento de conjunção: não aceita focalizadores de inclusão e de exclusão [só, até, inclusive]; pode iniciar respostas a perguntas específicas; não pode constituir a resposta a uma pergunta; não aceita a inversão dos atos que formam a sequência em que se encontra
Pragmáticas	marca uma relação de reformulação [impõe uma releitura do segmento X]
	impõe uma relação não causal entre estados de coisas, ou seja, sinaliza para o fato de que entre X e Y não existe um elo causal
	impõe mudança de perspectiva enunciativa
Semânticas	modifica o estado de informação fornecido pelo contexto esquerdo por meio da introdução de um ponto de vista com estatuto de fato novo [que provém da ordem do real, aproxima-se da realidade]
	Realiza uma operação de revisão: o enunciado Y introduzido pela expressão traz uma informação que contesta o ponto de vista inferido com a enunciação de X

Fonte: MARINHO, J.H.C.; VEADO, J.F. (2011).

Assim como outros conectores reformulativos, *na verdade* modifica o estado de informação fornecido anteriormente, por meio da introdução de um ponto de vista com estatuto de fato novo, operando uma revisão do que foi antes enunciado, embora não suprima ou apague a informação anterior (como faz *seja como for*).

Considerando essas propriedades da expressão *na verdade*, é possível calcular o percurso inferencial envolvido na interpretação desse trecho do texto de opinião, como evidenciado no quadro 4.

**Quadro 4. Percurso inferencial**

Premissa 1	Informação linguística enriquecida	O autor (A) afirma ao leitor (L) que obras públicas jamais são entregues no prazo e que o atraso na entrega é o que distingue as obras públicas brasileiras de quaisquer outras.
Premissa 2	Informação linguística enriquecida	A afirma a L que nenhum cidadão deste país acredita que alguma coisa feita pelo governo possa ficar pronta no prazo.
Premissa 3	Informação lexical (instrução do <i>na verdade</i> )	Utiliza-se o conector <i>na verdade</i> para introduzir uma releitura de informações expressas em outro constituinte, revisando-as, com a contestação do que se inferiu.
Conclusão	Interpretação	A afirma a L que o atraso na entrega de obras públicas é o que distingue as obras públicas brasileiras de quaisquer outras. Em seguida, A afirma a L que nenhum cidadão deste país acredita que alguma coisa feita pelo governo possa ficar pronta no prazo.

Fonte. Elaborado pela autora.

O conector *na verdade* indica que o autor procede a uma recapitulação da primeira formulação. Ou, ele volta à sua primeira formulação e extrai dela o essencial: nenhum cidadão brasileiro acredita que o governo tenha competência para entregar as obras públicas no prazo.

## Considerações finais

Neste trabalho, estudou-se o uso das expressões conectivas *seja como for* e *na verdade*, com base no MAM, visando a compreender seu funcionamento em textos de opinião, a fim de refletir sobre a atuação dessas expressões e sobre o viés persuasivo que imprimem aos textos, bem como oferecer contribuições para o ensino.

Na primeira etapa do estudo, ficou evidenciado que essas expressões encabeçam intervenções com o estatuto de principal, subordinando intervenções anteriores, marcando uma relação de reformulação. Na segunda etapa do estudo, com o levantamento das propriedades das expressões e com a descrição dos percursos inferenciais ligados a seu emprego nos textos, pode-se confirmar que elas promovem uma reformulação de ponto(s) de vista anterior(es), para explicar, recapitular ou mesmo retificar informações ativadas anteriormente, atuando de fato como reformuladores.

O estudo pretendeu mostrar que uma forma de se tratar a conexão e os conectores, cuja abordagem no ensino muitas vezes se limita à assimilação de nomenclaturas e de classificações, pode ser buscar compreender as relações definidas pelos conectores ou expressões conectivas, como as aqui estudadas, e conduzir à reflexão sobre sua atuação na construção de sentidos dos textos e sobre o viés persuasivo que imprimem aos textos.

## REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. **L'Argumentation dans le discours**. 3a.ed. Paris: Armand Colin, 2010.
- FILLIETTAZ, L.; ROULET, E. The Geneva Model of discourse analysis: an interactionist and modular approach to discourse organization. **Discourse Studies**, 4(3), 2002, p. 369-392.
- MARINHO, J. H. C. Uma Abordagem Modular e Interacionista da Organização do Discurso. **Revista da Anpoll** 16. São Paulo. jan/jun. 2004, p. 75-100.
- \_\_\_\_\_. A determinação da unidade textual mínima. In. MARINHO, J.H.C; PIRES, M.S.O.; VILLELA, A.M.N. (orgs.). **Análise do Discurso: ensaios sobre a complexidade discursiva**. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2007, p. 39-50.
- \_\_\_\_\_; VEADO, J. F. Studying connective expressions occurring in written Brazilian Portuguese. Pôster apresentado no *12<sup>th</sup> International Pragmatics Conference*, Manchester-UK, 3-8 July 2011.
- \_\_\_\_\_; CUNHA, G. X. O papel das expressões “com efeito” e “seja como for” na conexão textual. **Mal-estar e sociedade**. V. 5, n. 8. UEMG-Barbacena, 2012, p.139-165.
- ROSSARI, C. **Les opérations de reformulation: Analyse du processus et des marques dans une perspective contrastive français-italien**. Berne: Peter Lang, 1993.

- \_\_\_\_\_. **Connecteurs et relations de discours**: des liens entre cognition et signification. Nancy, Presses Universitaires de Nancy, 2000.
- \_\_\_\_\_. Formal properties of a subset of discourse markers: connectives. In. FISCHER, K. (ed). **Approaches to Discourse Particles**. Elsevier, 2006, p. 299-315.
- ROULET E. Une approche modulaire de la problematique des relations de discours. Palestra apresentada no **II Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso**. Belo Horizonte, FALE/UFMG. Mai, 2002.
- \_\_\_\_\_; FILLIETTAZ, L.; GROBET, A. Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours. Berne: Lang, 2001.
- SALSMANN, M. L'argumentation linguistique dans une rhétorique argumentative. **Estudos Linguísticos/Linguistic Studies**, 4, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, 2009, p. 97-114.
- VELTMAN, F. Defaults in Update Semantics. **Journal of Philosophical Logic**, 25, p. 221-261.

